

Futebol sob a suástica. Fussball unterm Hakenkreuz.

HAVEMANN, Nils. Frankfurt a. M.: Campus, 2005. 473p.

Martin Curi

Acusação e defesa

A discussão sobre o papel da associação alemã de futebol (DFB) durante a época da ditadura nazista de Hitler entre 1933 – 1945 é velha na Alemanha. O professor de retórica Walter Jens já cobrou em 1975 um levantamento profundo desta questão. Mas só na véspera do centenário da DFB, em 2000, podemos encontrar um maior número de publicações sobre este envolvimento. Estas pesquisas tinham uma grande desvantagem: seus autores foram impedidos de acessar os arquivos da DFB. Por isso faltou muita informação. Obviamente isso foi a principal crítica à DFB e gerou a suspeita que a DFB teria algo para esconder. Em 2001 a DFB quis acabar com estas acusações e enfrentar a própria história. Foi contratado o historiador Nils Havemann, da Universidade de Mainz, para fazer a pesquisa e foi garantido o pleno acesso a todas as fontes. O livro “Futebol sob a suástica” é o resultado deste trabalho.

Havemann tem várias críticas aos trabalhos já publicados sobre o papel da DFB no Terceiro Reich. Em primeiro lugar, ele percebe que a discussão está feita de uma forma emocional demais, que não busca realmente verdades científicas, mas culpados. Muitas vezes isso leva para a acusação de que a DFB era um instrumento solícito dos governantes nazistas. Em segundo lugar, teria que ser criticada a falta de fontes. Por fim ele critica o uso superficial de certos termos como “nacional”, “wilhemiano”, “reacionário”, “burguês”, “operário”, “direita” e “esquerda”. O sucesso do partido nacional-socialista NSDAP não se baseava em uma maioria da direita, mas em ter conseguido votos de todas as camadas sociais e políticas. Poderíamos dizer que o partido foi da direita e da esquerda. Por isso, os termos acima citados têm de ser bem definidos ou repensados.

Desta crítica Havemann conclui oito perguntas básicas, que ele quer responder no seu trabalho. “1. Quais os objetivos da DFB desde sua fundação? 2. Existiam idéias, orientações ou ideologias políticas fixas, uma mentalidade antidemocrática, talvez até

nacional-socialista ou parecida, que a DFB quis transportar para a sociedade, já antes de 1933, e tentou divulgar através da popularidade crescente do futebol ? 3. Como reagiu a DFB à ascensão do nacional-socialismo e à “posse” ? 4. Qual era a imagem que os nacional-socialistas tiveram da DFB; ela foi considerada uma aliada, com quem se pode realizar os objetivos nacional-socialistas? 5. Qual opinião a DFB e seus representantes formaram sobre a ditadura nazista até o começo da guerra? 6. Qual era a atitude deles frente ao antisemitismo na Alemanha? 7. Até que ponto os nacional-socialistas instrumentalizaram o futebol, durante o seu governo, para fins políticos e da propaganda e até que ponto receberam apoio da DFB? 8. De que maneira mudou a postura dos “cartolas”, em respeito ao nacional-socialismo, durante os doze anos da ditadura?” (p. 17)

A principal linha de apresentação dos resultados de Havemann é através da descrição de certos personagens exemplares da DFB. Mas, primeiro, é necessário descrever as circunstâncias da fundação e a história pré-nazista da associação de futebol.

Exemplo: a vida de Felix Linnemann

As raízes do esporte alemão se encontram no começo do século XIX, quando o movimento da ginástica de Friedrich Jahn surgiu na Prússia, como reação à ocupação francesa. A ideologia deste esporte era nacional-liberal. Os líderes do movimento de estudantes burgueses, que queriam derrubar os governantes nobres dos estados alemães e unificar um país democrático, se identificaram com estas orientações. A ginástica se tornou um esporte da burguesia liberal-nacional. Os governantes nobres começaram a atacar a ginástica e até a proibiram. Em 1871 foi fundado o império alemão unificado. Neste momento os líderes da associação de ginástica (DT) declararam alcançado o seu objetivo de unificação do país, compuseram-se com o novo governo e desistiram das idéias democráticas.

Este foi o momento definitivo de rompimento entre a ginástica e o novo esporte inglês, o futebol. Ele acabou de chegar na Alemanha e era interpretado, no começo, como uma variação da ginástica. A ginástica da época era ainda um conjunto de joguinhos de equipes para fortalecer o corpo e ainda não podia ser comparada à ginástica olímpica de hoje. Os representantes do futebol eram da burguesia liberal-intelectual e defenderam

valores mais internacionais e democráticos. Eles foram atacados como anti-alemães. Em 1900 foi fundado a DFB, que entrou em direta concorrência com a DT. As duas associações queriam atrair sócios, que significaram dinheiro, influência e dessa forma poder. A rivalidade foi acirrada com o confronto dos valores que os dois esportes representaram. Nesta época se fundaram várias associações nacionais de esporte, por exemplo a associação dos trabalhadores, a dos judeus e a dos católicos.

A partir daí o futebol virou capitalista. A DFB adquiriu as ideologias que pareceram as mais adequadas para sobreviver à concorrência neste mercado do esporte. O nacionalismo foi um dos primeiros valores importantes desta luta. Um claro indício deste espírito “capitalista” era a posição da DFB frente à questão do profissionalismo. Como o futebol era considerado um esporte amador, a DFB não tinha de pagar impostos e por isso queria continuar nesta condição. O discurso público da DFB era outro: o amador foi declarado o ideal do atleta honesto e verdadeiro, que só quer fortalecer o corpo e dessa forma servir o país e não lucrar com isso.

A estratégia da DFB teve sucesso: em 1928 a associação tinha 6.879 clubes-membros com 865.946 sócios. A situação da DFB no dia 30.01.1933, dia da posse de Hitler, era boa, porém com vários obstáculos para vencer. A crise da economia mundial afetou também a DFB, além da situação de outras associações esportivas no país como concorrentes, especialmente neste momento economicamente sensível. A grande questão da discussão esportiva do momento era o profissionalismo no futebol, que foi debatida em uma reunião da DFB, no dia 22.01.1933. Uma decisão contra o amadorismo teria enfraquecido a DFB. Mas, com a posse de Hitler oito dias depois, tudo mudou.

O primeiro personagem descrito por Havemann é o homem que liderou as negociações da DFB frente ao novo governo alemão: o presidente da DFB, Felix Linnemann. Ele nasceu em 1882, em Essen, como filho de um arquiteto e estudou, a partir de 1902, Direito e Medicina, entre outros lugares, em Berlim, onde ele se tornou oficial da polícia em 1910. A partir de 1908 ele trabalhou pela primeira vez na diretoria de um clube de futebol: o Berliner FC Preussen. A partir daí fez carreira na DFB, até ser eleito presidente em 1925. Linnemann se declarou sempre politicamente independente, porque ele acreditava que isso ajudaria no seu sucesso na DFB, segundo Havemann. O fio condutor do seu trabalho era sempre o bem-estar da DFB. Ele tornou-se especialista de

questões jurídicas do esporte, especialmente da lei de impostos. Dessa forma ele sabia das consequências do profissionalismo para o futebol.

Em 1933, Linnemann era também da diretoria da federação alemã de educação física e, dessa forma, estava entre os “cartolas” mais influentes do país. Por isso ele foi chamado para ser o “líder da administração imperial do futebol” em junho de 1933. Nesta função se reuniu com o novo ministro de esporte Hans von Tschammer und Osten e o convenceu a negar a profissionalização do futebol. O argumento era que nas Olimpíadas só poderiam jogar times amadores e a Alemanha seria favorita no futebol. Esta medalha de ouro não deveria ser colocada em risco.

Os acontecimentos mostram que o envolvimento dos dois grupos, DFB e NSDAP, teve motivos muito racionais: manter ou aumentar o poder de ambos. A DFB quis conquistar uma posição fortalecida entre as associações de futebol e o NSDAP precisou de dirigentes experientes, que organizariam a olimpíada de 1936. Dessa forma o governo nazista viveu uma certa lua-de-mel com a DFB, mesmo que a ideologia liberal, pacífica, capitalista e internacional do futebol não agradasse muito aos novos governantes. A seleção alemã jogou bem na copa de 1934 e os dois lados ficaram satisfeitos.

Os problemas começaram com a derrota e eliminação da seleção alemã no segundo jogo das olimpíadas de 1936, em Berlin, contra a Noruega, por 2 a 0. A promessa de ouro de Linnemann em 1933 virou um peso e a DFB, que nesta época se chamava “Reichsfachamt Fußball” (administração especializada do futebol imperial) perdeu sua utilidade para o governo nazista. As coisas ficaram ainda mais feias com o fracasso da seleção mista de alemães e austríacos, representando o grande império alemão, na copa de 1938.

O governo negligenciou o futebol e ele entrou em um declínio frustrante. Alguns funcionários da DFB ignoraram este fato e seguiram fanaticamente o governo, como o diretor da divisão dos juvenis Wilhelm Erbach, outros levaram o trabalho para adiante sem refletir o apoio à ditadura, como o secretário-geral Georg Xandry, outros observaram os acontecimentos políticos apaticamente, como o técnico da seleção Sepp Herberger e alguns começaram a boicotar cautelosamente os nazistas, como o consultor técnico da seleção Willi Knehe. Este processo prolongou-se até o fim da guerra.

O destino de Linnemann é exemplar para os desenvolvimentos posteriores. Após a derrota de 1936 ele perdeu poder no ministério do esporte. Representantes do governo começaram a administrar o futebol e Linnemann virou uma figura decorativa na diretoria da DFB, mas continuou como seu presidente até o fim da guerra. Os acontecimentos eram parecidos na sua vida profissional. Ele foi transferido para a polícia de Stettin em 1937 e para Hannover em 1939, por causa de uma briga com altos funcionários da polícia de Berlim, que o acusaram de não ser membro nem da NSDAP nem da SS. Consequentemente ele entrou nas duas organizações em 1937 (NSDAP) e 1940 (SS).

Em Hannover aconteceu o capítulo mais sombrio da sua vida. Linnemann era o responsável na polícia para cadastrar os ciganos do município. Esta listagem serviu mais tarde para levá-los para o campo de concentração e Linnemann sabia destes acontecimentos. As novas residências em Stettin e Hannover significaram também uma perda de influência na DFB em Berlim, por causa da distância.

A afiliação às organizações nazistas significou sua prisão por seis meses depois da guerra. Nunca mais conseguiu um cargo na DFB e morreu em março de 1948. A DFB se reergueu das cinzas como única associação de futebol, porque os nazistas acabaram com todas as outras. O jogo de poder de Felix Linneman teve sucesso: ele evitou o profissionalismo, acabou com a concorrência e salvou a DFB.

Nem vilão, nem inocente

A vida de Felix Linnemann exemplifica várias respostas de Havemann às questões levantadas no começo do livro e desta resenha.

1. A DFB se viu como a única representante e organizadora do futebol na Alemanha. Por isso lutou por sua hegemonia entre as associações de esporte na Alemanha. Para conseguí-lo ela precisou dinheiro e virou uma organização capitalista. Exemplar é a sua luta contra o profissionalismo no futebol.

2. A DFB quis ser aberta para todas as camadas sociais e políticas do país, para conseguir o maior número possível de sócios. Por isso nunca teve uma ideologia política explícita e pronunciada em público.

3. Por causa da crise mundial da economia e dos movimentos pró-profissionalismo a DFB teve uma fase delicada em 1933. Com a ajuda dos nacional-socialistas foi possível recusar a idéia do profissionalismo e fortalecer a posição da DFB. E mais: a colaboração com o novo governo evitou a dissolução da DFB, destino que muitas outras associações de esporte sofreram neste ano. O comportamento da DFB foi concentrado em manter o próprio poder.

4. A NSDAP nunca gostou da DFB, que era vista como uma organização liberal, capitalista e internacional. Isso estava em contraste a sua ideologia racista, antiburguesa, antiliberal, nacionalista, socialista e militar. Mas os governistas precisaram dos dirigentes influentes da DFB para continuar com uma boa administração do esporte e a organização dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, que foram um ponto central da propaganda nazista. A DFB nunca era vista como parceira e sua dissolução era prevista para depois da Olimpíada.

5. Num primeiro momento a DFB ganhou com a eleição do governo nacional-socialista. Os dirigentes tiveram poder como nunca antes. Por isso A NSDAP teve a sua simpatia e até um apoio eufórico. Isso mudou com o racha de 1936, mas Hitler teve tantos sucessos políticos, que as críticas não tiveram crédito.

6. A DFB se aproveitou do antisemitismo desde o começo da ditadura nazista para excluir todos os judeus dos clubes e federações alemães, que eram a favor do profissionalismo. Por outro lado, tolerou os bons jogadores e os dirigentes ricos com uma filosofia amadora. Mais tarde deixou a decisão sobre estes judeus para os clubes e a legislação geral do país. A DFB tolerou a caça dos seus sócios judeus.

7. O governo nacional-socialista usou o futebol desde o começo para sua propaganda. Jogos internacionais tornaram-se mega-eventos com muito glamour para mostrar a grandeza e o pacifismo da Alemanha. O auge foi a Olimpíada. Depois de 1936, os jogos internacionais foram usados para fazer contatos com outros países e fortalecer os laços com estados amigos. Durante a guerra, o futebol deveria ter sugerido uma normalidade para os cidadãos. Este processo era favorável para a DFB e por isso esta concordou com o mesmo.

8. Os dirigentes da DFB cooperaram e concordaram com o governo, em linhas gerais, até 1936. Quando a política se tornou mais desfavorável para eles, as reações

foram bem diversas. Algumas pessoas continuaram a apoiar os nazistas com engajamento, mas os conflitos e as reclamações começaram. A prática de aceitar ou rejeitar, facilitar ou evitar crimes era muito próximo. Os comportamentos ficaram muito similares e confusos. A definição de culpados e vítimas ficou muito complicada nessa época. Certo é que ninguém tomou iniciativa contra a ditadura.

Havemann conclui que a DFB nem era um agente principal e tradicional da ditadura nazista e nem se salvou de ficar livre do envolvimento nos acontecimentos da época. Os dirigentes ofereceram seu conhecimento para o governo, mesmo por outros motivos, e o apoiaram desta forma. O futebol era sempre político e a DFB negligentemente era não-política, apenas interessada em sua própria vantagem.

Uma análise sóbria da culpa

A tarefa de Havemann não era pequena nem fácil. Uma análise completa do tema precisaria certamente de muito mais espaço do que o presente livro. Era óbvio que a pesquisa chamaria muita atenção e enfrentaria críticas. Havemann soube que ele sempre iria enfrentar a suspeita de uma análise não objetiva, porque a pesquisa foi paga pela DFB.

A crítica mais profunda era do sociólogo Detlev Claussen da Universidade Hannover, que se mostrou profundamente incomodado com a falta de análise da culpa dos envolvidos. Segundo ele, Havemann justifica todos os atos como perfeitamente normais e razoáveis no contexto da época. A DFB não teria mais culpa do que qualquer outro cidadão alemão. Neste cenário ninguém pode acusar ninguém.

Claussen critica a metodologia de Havemann, de mostrar os acontecimentos através de alguns currículos exemplares, como a vida de Linnemann, Xandry, Erbach, Nerz ou Herberger. Este procedimento esconderia as linhas gerais, as continuidades e, dessa forma, a ideologia da DFB. A pesquisa não teria estrutura.

Esta resenha não deve defender nem Havemann, nem a DFB, mas a crítica de Claussen não parece muito plausível. Havemann encontrou uma estrutura através das suas oito questões que procurou responder. Ele conseguiu as respostas através da apresentação de vários currículos exemplares. Aliás, a análise de uma imensa quantidade

de fontes é um dos principais pontos fortes da pesquisa. Era impossível mostrar todas. Havemann encontrou um bom caminho de apresentar no espaço presente o maior número possível de dados representativos.

Finalmente temos a inevitável questão da culpa. Havemann deixou claro que queria analisar os dados com a menor emoção possível, o que significa que não queria culpabilizar. Na minha opinião isso é o principal mérito deste trabalho, porque dessa forma Havemann conseguiu analisar os motivos e mecanismos dos comportamentos e decisões da DFB. De uma forma sóbria estão contadas todas as circunstâncias e mesmo as atrocidades cometidas.

Isso é muito mais útil, do que julgar todos os envolvidos como monstros. A verdade é muito mais complexa do que uma simples imagem hollywoodiana de mocinho e bandido. A explicação de Havemann de que os dois lados, NSDAP e DFB, ganharam com uma aliança e, quando um lado perdeu a utilidade o outro a abandona, é bem lógica e compreensível.

Parece-me que a encenação dos Jogos Olímpicos de Berlim, inclusive o filme de Leni Riefenstahl, teve um papel crucial na estratégia da propaganda nazista. Hitler quis mostrar a Alemanha como um país pacífico e liberal para enganar seus adversários internacionais. Até hoje muitas pessoas acham que o filme de Riefenstahl não é propaganda porque não mostra a superioridade alemã. Na verdade era essa a mensagem da propaganda, o que mostra que o filme engana até hoje. É importante decifrar estes mecanismos.

Por fim, temos de dizer que Havemann critica sim o comportamento da DFB, por não ter se engajado na luta contra a ditadura e ter cooperado com ela. A DFB teve culpa por omissão e era corrompida. Havemann enfatiza isso várias vezes no livro e fez isso também no lançamento e em outras palestras.

Quem pode ser criticado até hoje é a própria DFB, que parece estar usando a pesquisa para se livrar da culpa sem ter que assumí-la publicamente. Não por acaso, a pesquisa só foi pedida depois da morte dos principais envolvidos. Mas a DFB continuou mostrando-se perigosamente apolítica, por exemplo na sua postura frente à ditadura argentina durante a Copa de 1978. O argumento continua o mesmo: “Somos uma

associação de futebol e não um partido político”. A DFB precisa aprender com a pesquisa de Havemann.